

## APRESENTAÇÃO

Desde inícios dos anos 80, os actores locais e regionais desencadearam todo um conjunto de acções que passaria a influenciar, de forma determinante, os processos de crescimento das economias locais.

Foi a reacção destas aos desafios económicos (desindustrialização, deslocalizações, desemprego) que abriu as portas às políticas de desenvolvimento endógeno. Entretanto, cidades e regiões confrontaram-se com a necessidade de reestruturação por forma a fazer face aos desafios da concorrência acrescida e das instáveis condições de mercado. Face à passividade das Administrações Centrais, os actores locais desencadearam estratégias territoriais de desenvolvimento, de natureza muito diversa. É uma amostra dessa diversidade que tentamos evidenciar.

Assim, Georges Benko demonstra como o marketing territorial representa, no quadro actual do desenvolvimento local estratégico, pelos seus meios de acção e especificidades, uma resposta possível aos novos desafios de afirmação das cidades e regiões.

Por seu turno, Carlos Balsas e Hemalata Dandekar, lembram-nos o importante papel das iniciativas de revitalização urbana, num contexto metropolitano, caracterizado pelo fenómeno de competição económica, num quadro de importantes mutações territoriais.

Neste mesmo contexto de um mundo crescentemente urbano, Eduardo Yázigi, desenvolve uma reflexão estratégica sobre o quanto falta cumprir da Carta de Veneza e, em simultâneo, procura lançar pistas para uma alteração de perspectiva no âmbito dos países emergentes.

Miguel Otón e Paula Remoaldo abordam a cada vez mais relevante questão das dinâmicas urbanas e da definição de parâmetros da “qualidade de vida”: a mobilidade e, dentro dela, as questões que se associam aos movimentos de membros da Comunidade Académica.

O desenvolvimento estratégico de territórios depende, desde logo, da definição de modelos de Governância e do respectivo papel das Elites Locais. Num conjunto de três artigos, Honoré Mimche, Christian Nelem, Mohamed Njoya, Rosa Branco e João Fermisson, abordam estas questões, analisando casos nacionais e internacionais do cada vez mais relevante exercício da Governância.

As conexões entre determinantes não económicas e dinâmicas de desenvolvimento resumem as temáticas trazidas por Fernando Duarte, Nazaré Roca e Nuno

Leitão. A um caso de análise de uma experiência territorial concreta – o Alentejo e o modelo de reforma de posse de propriedade, a seguir ao 25 de Abril – segue-se um estudo sobre sustentabilidade demográfica dos municípios portugueses.

As contribuições e o aproveitamento das novas tecnologias de informação para os modelos de gestão territorial, constitui o objecto do artigo de Jorge Rocha, Paulo Morgado, Nuno Costa, Eduarda Costa e Paulo Neto. Aqui procura-se uma possível definição de um modelo em ambiente SIG, potencialmente aplicável à avaliação das políticas públicas de base territorial.

As dinâmicas territoriais evoluem no tempo. A previsão é, assim, um elemento crucial das estratégias. Importa, deste modo, aferir tendências recentes e prospectivar quadros de actuação futura. Joana Chorincas apresenta alguns exemplos europeus de estudos de prospectiva e o modo como estes se enquadram num contexto internacional de crescente globalização.

Cenários de futuro são também a preocupação de Alfred Hecht, quando analisa as dinâmicas de integração recente nos territórios bálticos, num quadro de recomposição de equilíbrios regionais políticos, económicos e sociais.

A afirmação do Local como palco de implementação privilegiado de novas estratégias, de novas dinâmicas, de novas soluções representa a temática dos artigos subsequentes. Regina Salvador demonstra como às autoridades municipais pode e deve estar reservado um papel de relevo na Nova Gestão do Território, enquanto dinamizadores da actividade económica, capazes de identificar fragilidades e propor dinâmicas de reforço da competitividade, envolvendo um quadro alargado de actores.

Kelvin Jasek-Rysdahl e José Lúcio, lembram-nos que uma verdadeira política de desenvolvimento territorial terá de incluir uma dimensão ética e uma particular preocupação com aqueles que, por razões várias, se encontram à margem dos processos de enriquecimento. As estratégias territoriais de desenvolvimento são, cada vez mais nos dias de hoje, um exercício complexo de gestão. Assim, Ester Limonad identifica alguns dos desafios futuros deste exercício de interdisciplinaridade e Bernardette Mérenne-Shoumaker analisa um caso de dinâmicas locais de gestão, no âmbito de um sector crucial: o imobiliário.

Regina Salvador  
José Lúcio